

SOBRECULTURALIDADE: APONTAMENTOS ESSENCIAIS PARA PROMOÇÃO DA EQUIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Cibeli Gonçalves Cardozo
Silvana Maria da Silva Guilherme

DOI: <https://www.doi.org/10.29327/5365398.2-2>

RESUMO

Este artigo objetiva demonstrar e questionar o fato de que em pleno século XXI, em meio a tantas tecnologias e informações, ainda existam culturas consideradas inferiores e grupos culturais que são excluídos, vulnerabilizados e desvalorizados, dentre eles, os indígenas, em especial, os indígenas brasileiros. Em meio a esse cenário desigual, pesquisadores indígenas e não indígenas buscam alternativas para manter vivos costumes, tradições e crenças desses povos e assim, colocá-los em um contato, capazes de gerar transformações que levarão à sobrevivência cultural. Pensando nisso, Martins (2016, 2019, 2020 e 2021) desenvolveu um estudo e demonstrou que, se percorridos alguns processos, estes levarão à sobrevivência cultural. Portanto, por meio de um estudo bibliográfico, apresentaremos os caminhos necessários para a promoção e compreensão da Sobreculturalidade.

Palavras-chave: Intraculturalidade; Multiculturalidade; Interculturalidade; Transculturalidade; Sobreculturalidade; Educação.

RESUMEN

Este capítulo tiene como objetivo demostrar y cuestionar que, en pleno siglo XXI, en medio de tanta tecnología e información, todavía hay culturas consideradas inferiores, hay grupos culturales excluidos, vulnerables y/o devaluados, incluidos los indígenas, especialmente los brasileños. En medio de este escenario desigual, investigadores indígenas y no indígenas buscan alternativas para mantener vivas estas culturas y así ponerlas en un contacto, capaz de generar transformaciones que lleven a la supervivencia cultural. Con eso en mente, Martins (2016, 2019, 2020 e 2021) desarrolló un estudio y demostró que, si se siguen algunos procesos, conducirán a la supervivencia cultural. Por ello, a través de un estudio bibliográfico presentaremos los caminos necesarios para la promoción y comprensión de la Sobreculturalidad.

Palabras clave: Intraculturalidad; Multiculturalidad; Interculturalidad; Transculturalidad; Sobreculturalidad; Educación.

INTRODUÇÃO

A desigualdade e o preconceito são problemas globais que se manifestam de diferentes formas, dentre elas, por meio da cultura. A pluralidade cultural acaba por exaltar uma cultura em detrimento a outra e, se refletirmos acerca da história do Brasil, recordaremos que os nativos sofreram com o processo chamado de aculturação, conceito abordado desde Antropologia, isso porque os grupos sociais “culturalmente superiores” exerciam influência sobre os que consideravam inferiores, visando modificá-los.

Para os portugueses, os nativos brasileiros não tinham cultura, pois sequer eram seres providos de alma, além de não haver registros impressos de escrita e a transmissão dos saberes, da cultura e das tradições ser realizada por meio da oralidade, o que não são justificativas para descaracterizar um grupo. Sobre a inclusão da escrita Franchetto (2008) descreve que:

Nessa passagem da oralidade à escrita, contrastam os tratamentos dados, por um lado, às histórias indígenas, narrativas tradicionais e, por outro lado, às histórias dos textos cristãos. Às primeiras se aplica uma operação de redução, que redundava em empobrecimento; às segundas se aplica, ao contrário, uma operação de tradução fiel, com todos os cuidados da exegese e da transposição por equivalências sintáticas e semânticas. O resultado acaba contradizendo e desmistificando a retórica do refrão "escrita a serviço do resgate". Os índios leitores elaboram rapidamente uma comparação entre seus mitos espremidos e banalizados um folclore de pequenas ficções e os grandes mitos dos brancos consagrados em livros verdadeiros (FRANCHETTO, 2008, p. 42).

A colonização portuguesa causou danos imensuráveis aos indígenas que perderam suas aldeias, parte da variedade linguística, culturas foram

extintas e, sequer a história dos povos foi retratada de maneira fiel como vimos na citação acima e, ainda hoje, a população indígena sofre com o preconceito e luta pela sobrevivência cultural.

A descolonização tornou o país independente, mas não rompeu com a colonialidade, no entanto, devemos buscar formas de superá-la e promover a decolonialidade visando atingir a sobreculturalidade. Para isso, Martins (2021) desenvolveu uma pesquisa que resultou na publicação do livro intitulado “La Sobreculturalidad a luz de lo observado en culturas indígenas”. Nesse livro, o autor apresenta as fases que precisam ou podem ser percorridas e superadas para que atinjamos a sobreculturalidade, tendo a escola como uma aliada e a educação como ferramenta nesse processo.

DESENVOLVIMENTO

As comunidades indígenas que sofreram com o processo de colonização não perderam apenas seus territórios, perderam parte de sua identidade e muitas dessas comunidades desapareceram. Foram submetidas ao processo de aculturação, quase sempre por imposição ou inculturação¹. O termo aculturação é entendido por Berry (2013 *apud* SANTANA; FUKUDA, 2020, p. 01) como “o processo de transformação cultural e psicológica vivenciado pelas pessoas em contato intercultural”, esse processo de transformação pode ser positivo ou negativo, dependerá de como acontece, já que o contato por si só gera transformações, isto porque a cultura não é estática.

Nota-se que, há alguns anos, grupos culturais considerados minoritários vêm demonstrando o desejo em preservar e até mesmo recuperar aspectos culturais próprios, como é o caso de vários povos

¹ O termo inculturação faz alusão ao processo de imposição cultural por meio de elementos religiosos.

indígenas brasileiros, que desde a década de 80, organizam-se através de movimentos sociais, lutam pela sobrevivência cultural e por equidade.

Visando contribuir com a luta dos diferentes grupos culturais, veremos quais são os processos que percorridos e superados levam à sobreculturalidade. Mas o que vem a ser Sobreculturalidade? A Sobreculturalidade não é um termo que se limita ao sentido próprio do seu nome, é um processo que engloba e se materializa através da superação da intraculturalidade, da multiculturalidade, da interculturalidade e da transculturalidade.

Martins (2021) conceitua a Sobreculturalidade como sendo um:

Proceso complementario y capaz de unir conceptos relacionados con la cultura, hijos de épocas y autores distintos. Presentado como una manera de “unificar bajo una sola óptica los conocimientos locales y los conocimientos globales, estableciéndose en sus diferentes contextos y buscando construir su complementariedad (MARTINS, 2021, p. 31-32).

Para compreendermos, vamos conhecer os processos que a constituem. Começaremos com o conceito ou fase da intraculturalidade. Martins (2021, p. 36) explica que a intraculturalidade “*permite el reconocimiento de cada cultura y de cada comunidad aprendiendo de sí mismo, rescatando su propia lengua, costumbres y valores*”, permitindo que o indivíduo valorize sua própria cultura.

Infere-se que a escola é uma forte aliada nesse processo, o que exige do professor um olhar diferenciado e individualizado ao aluno, capaz de identificar as particularidades e as diferenças culturais, desenvolvendo uma maior sensibilidade frente às diferenças, promovendo o protagonismo e o respeito entre eles. Trata-se de uma mudança de paradigmas, o professor antes conteudista, que detinha o “poder”, a “verdade absoluta”, deixa de ser a figura central, tornando a sala de aula um espaço democrático e inclusivo.

Freire (2020) já dizia que a educação bancária deveria ser superada e que o educador não deve ser quem

[...] apenas educa, mas o que, enquanto educa, é

educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos [...] (FREIRE, 2020, p. 96-97).

Seguindo a linha de raciocínio de Paulo Freire, entendemos que o professor deve se abster dos preconceitos, dos pré-conceitos e adotar metodologias que sejam transformadoras e que possibilitem a equidade, logo, o processo de intraculturalidade se mostra essencial, pois, além do empoderando, os alunos terão orgulho de suas raízes culturais mesmo vivendo em um mundo multicultural em busca da interculturalidade.

A multiculturalidade se refere a uma “*convivencia pacífica y respetuosa entre culturas diferentes agrupadas en un mismo espacio geográfico*” (MARTINS, 2021, p. 57). Para Weissmann (2018, p. 23-24) “a multiculturalidade implica um conjunto de culturas em contato, mas sem se misturar: trata-se de várias culturas no mesmo patamar”, a mesma autora distingue a palavra multiculturalidade de multiculturalismo, e explica que a antropóloga María Laura Méndez trata o multiculturalismo como um “conceito que supõe muitas culturas, entre as quais há uma cultura que é hegemônica” (Puget; Méndez, 2013 *apud* Weissmann, 2018, p. 24). Esse conceito está atrelado à colonização, pois o colonizador não colonizava apenas o território, mas deixava marcas profundas na forma de viver e até mesmo de crer dos colonizados, instaurando o pensamento chamado colonial.

A multiculturalidade se contrapõe ao multiculturalismo, visto que o primeiro termo coloca as culturas em um mesmo patamar, vivemos em um universo de culturas distintas, no entanto, elas não se misturam. Diferente do segundo, em que prevalece a “superioridade colonial”. Essa variedade cultural leva a uma relação/interação devido ao contato, podendo ser positiva ou negativa, sendo nesse contexto, relacional e interacional que surge a interculturalidade.

São inúmeras as definições dadas ao termo intercultural, e por isso

entendemos que se trata de uma palavra polissêmica, no entanto, tentaremos, mesmo de maneira sucinta, conceituá-la.

Martins (2021, p. 57) diz se tratar de uma “*interacción entre las diferentes culturas*”, Walsh (2009) complementa apresentando três perspectivas para o termo, sendo: relacional, funcional e crítica.

Relacional, la que hace referencia de forma más básica y general al contacto e intercambio entre culturas, es decir, entre personas, prácticas, saberes, valores y tradiciones culturales distintas, los que podrían darse en condiciones de igualdad o desigualdad.

Funcional, siguiendo los planteamientos del filósofo peruano Fidel Tubino (2005). Aquí, la perspectiva de interculturalidad se enraíza en el reconocimiento de la diversidad y diferencia culturales, con metas a la inclusión de la misma al interior de la estructura social establecida.

Crítica, con esta perspectiva, no partimos del problema de la diversidad o diferencia en sí, sino del problema estructural-colonial-racial. Es decir, de un reconocimiento de que la diferencia se construye dentro de una estructura y matriz colonial de poder racializado y jerarquizado, con los blancos y “blanqueados” en la cima y los pueblos indígenas y afrodescendientes en los peldaños inferiores (WALSH, 2009, p. 02-04).

Catherine Walsh não limita a interculturalidade apenas ao campo educacional, coloca-a em uma posição política e social, onde a classe minoritária luta por direitos e por reconhecimento, sejam eles sociais culturais ou políticos. A autora defende que as ações interculturais sejam críticas, que questionem as mazelas do estado e que superem o pensamento colonial, Pozzer (2014 *apud* MARTINS, 2021) complementa:

A proposta da interculturalidade está não em apenas tolerar e possibilitar que o outro enquanto sujeito/grupo ou cultura tenha garantido um espaço geográfico para sobreviver, mas está em (re)conhecer o outro para compreendê-lo e apre(ender) com ele. A partir desta interação, é fundamental procurar mudar radicalmente as formas predatórias, marginalizadas e monoculturais de pensar e organizar as sociedades em todos os níveis (POZZER, 2014 *apud* MARTINS, 2021, p. 44).

Entendemos que a interculturalidade surge como um

questionamento às desigualdades, isto porque, algumas culturas não são vistas em pé de igualdade, ainda existem grupos culturais tratados de forma desigual e preconceituosa. A interculturalidade seja no campo educacional, político, social ou econômico, deve propiciar um olhar diferenciado ao indivíduo, não o vendo como um ser composto por partes isoladas, mas como um todo, um todo capaz de viver de forma equitativa e de estabelecer relações harmônicas em meio às diferenças. Para chegarmos a este patamar, é preciso continuar questionando o pensamento colonial. Nesse viés Candau (2020) afirma:

Se não questionarmos o caráter único do que consideramos desenvolvido, moderno, civilizado, verdadeiro, belo, não podemos favorecer processos em que se promova o diálogo intercultural. Desnaturalizar os processos de colonialidade constitui um desafio fundamental para o desenvolvimento da educação intercultural crítica e decolonial (CANDAU, 2020, p. 681).

O pensamento intercultural é capaz de lutar contra as injustiças sociais e todas as formas de preconceito e, é por isso, que defendemos a educação intercultural, um modelo de educação que não se aplique apenas aos indígenas, mas em todas as instituições de ensino, oportunizando o diálogo e a interação em meio à diversidade.

No Brasil, desde a aprovação da Constituição Federal de 1988 e da LDB em 1996 a interculturalidade está atrelada à educação escolar indígena. Pela primeira vez docentes das escolas indígenas passam a ter autonomia para adotar processos próprios de aprendizagem, desenvolver um ensino intercultural e bilíngue. Com relação ao bilinguismo, vale ressaltar que antes da aprovação da CF de 1988, o Estatuto do Índio fazia-lhe referência, no entanto, não era efetivado. Destarte até 1988, tínhamos apenas políticas assimilacionistas e de integração.

A junção da interculturalidade com a educação escolar trouxe mudanças significativas, para Nascimento (2014):

Esta mudança amplia e aprofunda o escopo da educação bilíngue, pois passa a ter como fundamento o valor particular de cada cultura como um todo e a buscar não mais a assimilação ou integração indígena à “sociedade nacional”, mas a afirmação e a valorização das diferentes culturas para relações de poder menos assimétricas e cooperativas com as sociedades não-indígenas. Nesta direção, a adoção de uma atitude intercultural na educação bilíngue assume dimensões e implicações políticas e deve se refletir em todos os âmbitos referentes a programas de ensino escolar e de formação docente destinados aos povos indígenas (NASCIMENTO, 2014, p. 11-12).

Para que tenhamos uma atitude intercultural, conforme descreve o autor, é preciso percorrer todos os processos anteriores, e para atingirmos a sobrevivência cultural, a interculturalidade não é o fim, mas não deixa de ser um aspecto importante, visto que exige ainda transpor a transculturalidade. Vásquez (2011 *apud* MARTINS, 2021) conceitua a transculturalidade como sendo

el contacto entre diferentes culturas y la influencia mutua, generan puntos en común de coexistencia, o sea, generan la transformación cultural por medio del contacto, significando también un movimiento; el paso de una situación a otra asociada a la cultura (VÁSQUEZ, 2011 *apud* MARTINS, 2021, p. 45).

Para Nicolescu (2005 *apud* BOCCATO; BISCALCHIN, 2014), a transculturalidade:

[...] vai além da interpretação de uma cultura por outra cultura e também não se restringe à fecundação de uma cultura por outra cultura, mas a mesma assegura a tradução de uma cultura para qualquer outra cultura, através do sentido que une as mais diferentes culturas, mesmo que as ultrapassando (NICOLESCU, 2005 *apud* BOCCATO; BISCALCHIN, 2014, p. 240).

A transculturalidade propicia a identificação de aspectos que são convergentes e divergentes entre as culturas. Não visa mudar ou transformar as culturas em contato, como disse Nicolescu (2005) é a “tradução de uma cultura para qualquer outra cultura” (NICOLESCU, 2005, p. 240).

Vale ressaltar que quando falamos em autoconhecimento e

valorização da própria cultura, não queremos que os indivíduos se tornem reféns dos costumes de seus antepassados e que se fechem para as evoluções globais. Acreditamos ser possível e necessário que todos os grupos e comunidades culturais tenham acesso, por exemplo, às tecnologias, que frequentem cursos universitários, entendam de política e economia. Essas transformações, não farão com que os indivíduos deixem de ser quem são, mas permitirão que dialoguem por igual em um universo multicultural. A transculturalidade fornecerá elementos que poderão ser apropriados ou não, pois, como vimos, a cultura não é estática, tampouco essa fase será capaz de provocar a perda cultural, pois as outras fases já foram superadas levando assim a Sobreculturalidade.

Martins (2021) descreve que todos os aspectos que apresentamos se

complementan entre sí, fortaleciendo la existencia de cada uno, pasando de un punto de autoaceptación y autorreconocimiento, para la interacción con el otro seguido del respeto y de la transformación generada por ese contacto (MARTINS, 2021, p. 48).

Portanto, compreendemos que a Sobreculturalidade é o resultado da soma de todos os outros processos (intra+multi+inter+trans), que interseccionados, levam à sobrevivência cultural. No entanto, essa sobrevivência não se restringe à sua existência, mas também necessita da autovalorização cultural, do respeito, da interação, do diálogo, do reconhecimento das diferenças e do empoderamento por meio de atitudes de resiliência, adaptação e transformação que o processo de Sobreculturalidade propicia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após discorrermos sobre os processos (Intraculturalidade, Multiculturalidade, Interculturalidade e Transculturalidade) que interseccionados e superados levam à Sobreculturalidade, concluímos que

estamos diante de um esquema que, se praticado e aplicado, transformará as relações, principalmente se aplicado junto às escolas, pois permitirá a equidade e colocará fim ao preconceito.

A Sobreculturalidade não busca a valorização de uma cultura em detrimento a outra, mas sim em manter vivas e em movimento as culturas em contato, por isso se atribui a todas as culturas a mesma importância, garantindo que não caiam no esquecimento. Martins (2021) explica que o

desarrollo y la promoción del concepto de Sobreculturalidad, “cultura de supervivencia”. Culturas que han sido obligadas a pasar por las diferentes etapas del proceso de contacto cultural para la supervivencia de éstas y que consecuentemente no se quedaron en el camino (MARTINS, 2021, p. 51-52).

Nesse processo, a interculturalidade se mostra tão necessária e importante quanto às demais, pois juntas produzem a Sobreculturalidade, permitindo que as culturas permaneçam vivas, sejam restauradas, que os indivíduos reconheçam a existência de outras culturas e o essencial: que respeitem as diferenças e rompam com a herança colonial.

Por fim, não devemos pensar na Sobreculturalidade apenas como um processo a ser aplicado na educação, apesar de necessário, mas podendo ser aplicado em todos os segmentos, por se tratar de uma proposta transformadora, um processo social e político que visa à melhoria das relações pessoais e interpessoais, que objetiva entre todas as coisas o fim do preconceito e da exclusão social, que, se praticado na escola, desde os anos iniciais, fará com que os escolares desenvolvam um pensamento decolonial, mas para isso, os próprios docentes precisam ter consciência de “quem eles são” e de “onde eles vieram”, precisam ter passado por todos os processos aqui apresentados e explanados, bem como, tê-los superado.

REFERÊNCIAS

BOCCATO, Vera Regina Casari; BISCALCHIN, Ricardo. As dimensões

culturais no contexto da construção de vocabulários controlados multilíngues. **Rev. Interam. Bibliot**, Medellín, v. 37, n. 3, set./dez. 2014. Disponível em:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-09762014000300004. Acesso em: 20 fev. 2022.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, Educação Intercultural e Decolonialidade: temas insurgentes. **Rev. Espaço do Currículo (online)**, João Pessoa, v.13, n. Especial, p. 678-686, dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949/32178>. Acesso em: 27 fev. 2022.

FRANCHETTO, Bruna. A guerra dos alfabetos: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. **Mana**, v. 14, n. 1, p. 31-59, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mana/a/S5QkWy57NGzYsDNfK7KMjth/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 75. ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

MARTINS, Daniel Valério. **A Intraculturalidade nas Comunidades Indígenas da Região Metropolitana de Fortaleza-CE, Brasil: caminho para o desenvolvimento e Sobreculturalidade**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2016.

MARTINS, Daniel Valério. **A Contribuição Científica dos Tremembé através da Educação Diferenciada e Intercultural com base nos Saberes Tradicionais**. 2019. 221 f. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Ciencias de la Educación, Universidad de Burgos, Burgos, 2019.

MARTINS, Daniel Valério. A Aculturação Indígena de Egon Schaden como base conceitual e justificativa do processo de Sobreculturalidade. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**, Florianópolis, v. 3, p. 148-174, out. 2020.

MARTINS, Daniel Valério. **La Sobreculturalidade: a la luz de lo observado en culturas indígenas**. Salamanca: Instituto de Investigaciones Antropológicas de Castilla y León - IIACYL, 2021.

NASCIMENTO, André Marques do. Interculturalidade: apontamentos conceituais e alternativas para a educação bilíngue. **Diversidade, plurilinguismo e interculturalidade**, n. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/121>. Acesso em: 25 fev. 2022.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia Pereira Souza. 3. ed. São Paulo: Triom, 2005.

PUGET, Janine; MÉNDEZ, Maria Laura. **Clínica de la diferencia e interculturalidad**. 2013. Trabalho apresentado ao 20o Congreso Federación Latinoamericana de Psicoterapia Analítica de Grupos (FLAPAG), Buenos Aires - AR, 2013.

SANTANA, Maria Luzia da Silva; FUKUDA, Cláudia Cristina. Aculturação de estudantes paraguaios na Região de Fronteira Brasileira. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/C3KpRFQKDF5vZTcgXRFtx9y/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad crítica y educación intercultural**. 2009. Trabalho apresentado no Seminario “Interculturalidad y Educación Intercultural”, organizado por el Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz, 2009. Disponível em: <https://uchile.cl/dam/jcr:9a895201-1689-4c50-8f2d-df419340df47/interculturalidad-critica-y-educacion-intercultural.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2023.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 26, n. 27, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542018000100004. Acesso em: 21 fev. 2022.

SOBRE AS AUTORAS

Cibele Gonçalves Cardozo

Graduada em Serviço Social (2009) e Licenciada em Pedagogia (2017) pelo Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN. Pós-graduada em Gestão Pública (2010) pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá (FIJ); pós-graduada em Educação Infantil com ênfase em Educação Especial e Gestão (2018) e em Psicopedagogia (2023) pelo Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN. Mestra em Educação e Territorialidade pela Faculdade Intercultural Indígena - FAIND / PPGET - Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Docente no Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN EAD, desde o ano de 2010.

E-mail para contato: ciby_cardozo@hotmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0346838726030327>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2570-8067>

Silvana Maria da Silva Guilherme

Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade de Salamanca – ES. Pedagoga pela Universidade Federal do Ceará, MBA Executivo em Negócios Financeiros pela Universidade Federal do Ceará e mestrado em Antropologia de Ibero-américa pela Universidade de Salamanca. Atualmente é Gerente de Negócios do Banco do Brasil S/A.

E-mail para contato: sylvanagui@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2841055285316042>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4783-3312>